



DISCURSO, PRODUÇÃO, RECEPÇÃO  
(DISCOURSE, PRODUCTION, AND RECEPTION)

Renata Coelho MARCHEZAN (Universidade Estadual Paulista - Araraquara)

**ABSTRACT:** *Using the notions of continuity and discontinuity, this paper aims to characterize changes in language studies which result from taking into account discourse and its utterance.*

**KEYWORDS:** *discourse; utterance; continuity; discontinuity.*

O importante é igualar o campo do prazer, abolir a falsa oposição entre a vida prática e a vida contemplativa. O prazer do texto é uma reivindicação justamente dirigida contra a separação do texto; pois aquilo que o texto diz, através da particularidade de seu nome, é a ubiqüidade do prazer, a atopia da fruição.

Roland Barthes

A movimentação teórica nos estudos da língua<sup>1</sup> que decorre da consideração do discurso, de sua enunciação, entendida como produção e como recepção, não é matéria de reflexão adequada aos limites de um artigo, a não ser que se lhe eleja um aspecto; exatamente o que se pretende aqui, com o destaque de questões relacionadas às noções de continuidade e descontinuidade.

A ação da descontinuidade sobre a continuidade, o recorte de um *continuum* do conteúdo e da expressão é uma maneira de explicar como o homem dá forma ao mundo. A percepção, o conhecimento humano, a linguagem, a língua<sup>2</sup>, recortam, traçam diferenças nas semelhanças, organizam sons e sentidos em domínios da cultura. A consideração desse *continuum* e de seu recorte pode suscitar respostas a indagações ontológicas, metafísicas, mas também pode ajudar a caracterizar os fundamentos de diferentes concepções de mundo, de língua, de linguagem. É essa caracterização que se procura examinar aqui. E, para tanto, remonta-se a F. Saussure.

A afirmação de que Saussure é um mestre da modernidade relaciona-se, muitas vezes, à sua identificação como um dos introdutores do pensamento da descontinuidade, que sinaliza a ciência moderna. No entanto, a caracterização dessa afirmação, se inspirada no próprio pensamento saussureano, revela também a continuidade presente no postulado, também caro à modernidade, da primazia das relações (Lopes, 1997: 16). “Não acredito em coisas; acredito em relações”; J. Culler declara que, para ele, essa

---

<sup>1</sup> A partir dos estudos de Iúri Lótman (1981, 67-86) e de Jacques Fontanille (1992), “Linguística: perspectivas e aplicações” (Fiorin, 1994) aponta a tendência da linguística contemporânea ao exame da instabilidade. Essas discussões aliadas a outras, aqui referidas, estimulam este texto.

<sup>2</sup> Explora-se, neste texto, justamente a continuidade existente entre esses conceitos e não suas particularidades.



frase do pintor G. Braque talvez expresse “o verdadeiro credo da modernidade” (1979: 100).

Saussure entra na modernidade postulando as relações, invertendo “o trânsito do objeto [autônomo] para a estrutura” (Culler, 1979: 19), cuja delimitação e unidade a definem e a afastam do observador e dos outros sistemas. Por meio da apreensão de continuidades e discontinuidades, tece as relações internas da língua e assume a discontinuidade, que destaca a língua do contexto da linguagem.

Nessa abordagem, de concepção mais espacial do que temporal, a continuidade e a discontinuidade desenham sentidos estáveis, retratam uma língua estática e celebrizam-se, por exemplo, na imagem da nebulosa saussureana e na concepção de língua como forma, e não substância.

Da relação da continuidade com a discontinuidade, com a ruptura, sobrevêm a percepção da diferença e a interdefinição dos elementos discretos (do plano da expressão e do plano do conteúdo), dos diferentes níveis. O objeto lingüístico é composto por essa interdefinição dos elementos, e é ela mesma que, vista de forma imobilizada, homogênea, sustenta o corte de suas amarras com o exterior. A trama interna consolidada propicia uma definição centralizada, imanente, e enseja o desejado desprendimento do “real”. Como se a discontinuidade, a ruptura – a difícil libertação da definição clássica, que lhe emprestava a universalidade do pensamento e lhe conferia a tarefa de materializá-lo e de nomear o mundo – houvesse impelido a língua a isolar-se e a procurar em seu próprio âmago a consideração, não de sua origem, mas de sua organização e de seu funcionamento; encontrando-a na continuidade de suas relações internas, na sua definição como fato social idealmente unificado.

Por meio dessa explicação, localiza-se a opção epistemológica pela discontinuidade na reflexão sobre a natureza da língua, que antepõe as invariáveis à reflexão sobre as variáveis que as realizam. Escolha, não-aérea, que deu lastro às ciências modernas e se firmou em uma dada concepção de homem. Dono de uma razão autônoma, descolada de seu mundo e construtora dele. Nesse contexto, justifica-se a asserção saussureana de que é “o ponto de vista que cria o objeto”.

Esse reconhecimento<sup>3</sup> da subjetiva organização que o homem faz do mundo e do caráter relativo e desraigado de seu conhecimento enseja o exercício da separação, do distanciamento entre homem e objeto, entre homem e língua. E o projeto de construção de uma metalinguagem que objetificasse a língua. Empreendimento que não deixa de ser uma projeção do homem, de seu desejo de ordenação, de sua busca por um princípio de conhecimento por meio do qual possa superar-se, dominar-se.

Tendência diferente caracteriza os estudos atuais sobre o discurso, que traçam a continuidade entre elementos discretos, entre diferenças semânticas estabilizadas, que fazem aproximar sujeito e objeto, homem e mundo. Melhor dizendo, já que não se trata da fusão de elementos discretos, nem da fusão entre sujeito e objeto, que resultariam numa indistinção, numa massa amorfa, num tudo, ou num nada, a consideração da continuidade não descarta o recorte, que é condição para a inteligibilidade, antes o dinamiza, o temporaliza, o modaliza, o “sensibiliza”.

---

<sup>3</sup> Em conformidade com Tarnas (1999), que reporta ao “cisma kantiano” o fundamento da ciência moderna.



No que respeita a essa movimentação teórica nos estudos sobre o sentido, J. Fontanille (1992) abstrai dois posicionamentos, que ele notabiliza, de forma precisa e condensada, em duas expressões: “fonologização” da semântica e “prosodização” da semântica. Com a primeira, “fonologização da semântica”, enfatiza a tendência de análise do sentido que prefere a descontinuidade à continuidade. O autor reconhece, evidentemente, nessa tendência o papel exemplar e destacado de um dos produtos mais ilustres do pensamento lingüístico descontínuo – o fonema – e sublinha a extensão operada no procedimento de sua apreensão. Empreita que propôs, para o plano do conteúdo, o sema, o semema.

Para Fontanille, esse projeto, que releva a estabilidade entre seus critérios de cientificidade, permitiu obter resultados consideráveis, mas submeteu uma propriedade essencial da linguagem: a sua dinamicidade.

Com a segunda expressão, “prosodização da semântica”, o semiótico distingue as abordagens que atentam à dinamicidade do sentido, à sua instabilidade, “não somente para dar conta das transições entre diferentes fases de estabilidade, mas também no que respeita estas últimas, para dar conta de seus próprios efeitos de sentido” (1992:8). Em outras palavras, trata-se das tendências que recuperam a continuidade do sentido, mas uma continuidade animada pelo tempo, pelas tensões, próprias ao discurso, à enunciação lingüística.

Fontanille e seu colega, C. Zilberberg, em seus trabalhos recentes, alguns citados aqui, resgatam a intuição hjelmsleviana da isomorfia entre os planos da expressão e do conteúdo e destacam, na organização também do conteúdo, a sua *prosódia*, o ritmo, o andamento, que resultam, em última análise, da coexistência, da sucessão de continuidades e descontinuidades. Reconhecem, no lugar das descontinuidades, da distinção proposta, por exemplo, entre os estados, as gradações, as nuances, as mudanças de intensidade, os andamentos: “o estado dissolve-se em um outro estado, em razão de sua dinâmica própria” (Fontanille, 1992:9). A ruptura, a mudança de um estado para outro pode ser vista como um processo de intensificação: o amor, por exemplo, que gradativamente transforma-se em ódio; ou a morte que resulta da *parada*, mas, antes, da duração, do prolongamento da dor; o equilíbrio precário de um estado de conjunção que já profetiza o seu fim; ou a disjunção que se resolve ora lentamente, ora em um instante epifânico.

Nesse contexto, a continuidade e a descontinuidade são interpretadas temporalmente e ligam-se, respectivamente, aos conceitos dinâmicos de *extensão* e de *intensão*<sup>4</sup>, conversões de uma única categoria – a *expansão* (Zilberberg, 1990; Tatit, 1994). A enunciação movimenta, de forma ininterrupta, a extensão e a intensão, construindo os discursos. Explicam-se, assim, o trânsito dos conceitos, a simultaneidade, a continuidade entre elementos descontínuos, quando se explora a extensão, ou a opção pela intensificação de diferenças, quando se ativa a intensão.

---

<sup>4</sup> Utilizando esses mesmos conceitos, Zilberberg analisa o “projeto de extensão” (Apud Tatit, 1994: 22) da semiótica greimasiana que, a partir de sentidos pontuais (elementos intensos) – tal como o *sema*, considera sua preservação ao longo do texto (dimensão extensa) – tal como o faz ao propor o conceito de *isotopia* – e, em seus desenvolvimentos recentes, encaminha uma abordagem dinâmica do sentido.



As categorias tensivas, de caráter recursivo e conversível, são aplicadas e reaplicadas na descrição do sentido, traduzindo-lhe a dinamicidade e caracterizando-lhe os diferentes níveis de complexidade e os variados modos de existência, de organização e de formulação. Para Fontanille e Zilberberg (s.d.), o sentido, interação constante entre o sensível e o inteligível, apresenta-se em níveis diferentes de imprecisão e precisão, caracterizados, respectivamente, pela extensão e intensão: da extensividade do sensível, em que o sentido, quase-inefável, é direção, vibração, à intensidade, em que o sentido recebe “singularidades últimas”.

Diferentemente da nebulosa saussureana, da massa amorfa e indistinta, estática e pressuposta, onde moram os sentidos virtuais, a espera das subdivisões atualizantes, no nível caracterizado pela máxima extensão, move-se um todo de sentido, também indiviso, mas já animado por uma foria, por uma direção<sup>5</sup>. Esse quase-sentido é conservado também nos outros níveis de maior distinção; nestes, a indeterminação é mantida ou trabalhada. Fontanille ressalta que o sensível não é interpretado como “um epifenômeno perturbador, mas como o coração mesmo da elaboração da significação, como aquilo que permite aos *estados de coisas* converterem-se em *estados de alma*” (1992: 11). Não se trata, portanto, de um sentido apenas anterior ou pressuposto ao sentido recortado; não é uma etapa a ser vencida (um aquém ou um além-sentido); embora seja de difícil apreensão, tem existência palpante e concreta no discurso.

Por essas vias, reconhecem-se diferentes níveis de existência do sentido. Mais marcados socialmente, até estereotipados; menos acentuados, até quase ininteligíveis; em todos eles, no entanto, há movimento. Os diferentes sentidos configuram-se em espaços discursivos mais ou menos definidos, numa espécie de campo de forças extensas e intensas, em que moram grandezas, que entram e saem, em constante movimento. Um espaço, que se apresenta, portanto, tensivamente; e em cujo centro e periferia habitam e atuam os sujeitos, que mobilizam sentidos, separando-os, distinguindo-os e também aproximando-os, assimilando-os.

Os recortes, estabelecidos pela enunciação, não são fixos, definitivos, homogêneos, enfim, são dinâmicos, variáveis, flexíveis. Interessa o conhecimento sobre quem os faz, para quem, onde, quando e como são feitos, refeitos, atenuados, transformados, modalizados, neutralizados, relativizados, reforçados. Por meio deles, a realidade e a língua, são historicamente produzidas, negociadas e modificadas.

---

<sup>5</sup> A noção de sentido como *direção* refere-se a L. Hjelmslev. Em outro contexto, e para responder se já existe “sentido, antes de qualquer articulação sensata operada pelo conhecimento humano”, U. Eco também convoca a noção hjelmsleviana e vale-se dela para sugerir que “no magma do *continuum* existem linhas de resistência e possibilidades de fluxo, como as das nervuras da madeira ou do mármore que tornam mais fácil cortar numa direção que em outra”. E conclui: “Se o *continuum* tem linhas de tendência, por mais imprecisas e misteriosas que sejam, não podemos dizer tudo que queremos”. E “(...) mesmo que apareça como efeito de linguagem, o ser não o é no sentido em que a linguagem livremente o constrói. Mesmo que afirmasse que o ser é puro Caos, e portanto suscetível a qualquer discurso, deveria ao menos excluir que este seja Ordem firme. A linguagem não constrói o ser *ex novo*: interroga-o, encontrando sempre e de algum modo algo já dado (mesmo que já ser dado não signifique já estar acabado e completo)” (1998: 51-52).



A consideração da enunciação evidencia uma movimentação teórica nos estudos lingüísticos, que, se não desconsidera as relações internas da língua, pode tratá-las – da mesma forma que o faz com as estruturas ideológicas – como forças coesivas, que atuam, também de forma dinâmica, recobrando as forças dispersivas (Fontanille, 1992).

Essa interação é marcadamente explorada no contexto das reflexões bakhtinianas, em que se localiza e conceitua a atuação de forças centrípetas, centralizadoras, e centrífugas, descentralizadoras (Bakhtin, 1988: 80-84); a relação de forças, o embate do sentido estimula, na verdade, todo o pensamento bakhtiniano e põe em relação as noções de dialogismo, plurilingüismo, polifonia, monofonia.

As vozes do discurso movimentam-se em extensão e em intensão. Com a extensão, ocorrem os encontros, a participação, a voz que representa várias vozes, mas também a voz que massifica, que oblitera a diferença; com a intensão, há o ressaltado da diferença, da polifonia equípole salientada por Bakhtin, mas também os desencontros, a justificação da exclusão e a ativação da intolerância.

A enunciação configura-se, ainda, na mobilidade do sentido planejado e interpretado<sup>6</sup>. Não há uma distinção absoluta entre o sujeito que fala e o sujeito para quem se fala; não há também entre eles uma continuidade completa, uma fusão, já que ocupam sempre posições diferentes no diálogo. A reflexão bakhtiniana – suas noções de dialogismo, exotopia, cronótopo –, mais uma vez, contribui para a definição dos participantes desse diálogo a partir de suas posições espaço-temporais, que, ao mesmo tempo, os aproximam e os singularizam.

As tensões, as interações, aqui apontadas, explicam-se e completam-se num percurso teórico que tende a “reumanizar” a reflexão, a fazer reaproximar sujeito e objeto, homem e mundo, a localizar no corpo<sup>7</sup> que sente os fundamentos do sentido, o lugar da relação entre sujeito e objeto, entre homem e mundo, entre o eu e o outro, entre a interioridade e a exterioridade. E aqui se situa um dos aspectos da atualidade do pensamento bakhtiniano, que fundamenta todas as suas outras contribuições convocadas neste texto, aquele que considera a língua como acontecimento concreto, fazendo interagir o homem (eu/outro), seus juízos de valor, seu tempo e seu espaço, e que, em decorrência, atribui ao seu estudioso um papel de interlocutor que tem diante de si, não um objeto inanimado, mas uma língua em situação, falada por um outro sujeito com o qual deve dialogar, interagir (Bakhtin, 1992: 399-414).

Para recuperar os termos com os quais introduzimos esta reflexão, há uma descontinuidade entre homem e mundo, ou seja, o sentido do mundo não é único, neutro, independente do homem, mas também não está só no homem, nem somente em suas leituras registradas de fora, iluminadas por construtos formais, depende da interação entre homem e mundo. Em outras palavras, não há uma separação radical

<sup>6</sup> A mesma tensão qualifica a noção de sujeito da enunciação, em semiótica, que localiza na relação entre enunciador e enunciatário a ação conjunta de produção e recepção discursiva.

<sup>7</sup> Tatit (1997: 29-48) acompanha o movimento de aproximação entre sujeito e objeto, operado pela semiótica, destacando a sua convergência com a fenomenologia merleau-pontiana. Este texto opta por relacionar a semiótica e o pensamento bakhtiniano.



entre homem e mundo, também não há uma fusão, uma continuidade natural, mítica, absoluta, há sim uma interdependência, lugar de conflito, trabalhado pela linguagem, preenchido por diferentes diálogos, organizados em tempos e espaços diferentes.

A caracterização dinâmica do sentido pressupõe seu recorte, o estabelecimento de descontinuidades, mas também a aproximação, a assimilação das descontinuidades, em suma, a tensão entre continuidades e descontinuidades, presidida pela enunciação. O discurso é lugar de interação, entre o contínuo e o descontínuo, entre o homogêneo e o heterogêneo, entre o sistema e o processo, entre o sensível e o inteligível, entre o sujeito e o objeto, entre o *eu* e o *outro*, entre o *aqui* e o *lá*, entre o *agora* e o *então*. A aproximação do homem e da língua, a consideração dos discursos concretos, do sujeito (eu/outro) que discursa, que traz junto, em tensão, as particularidades das situações em que se envolve e a amplitude de suas dimensões históricas e culturais, abalam, dinamizam os recortes estáveis e suprimem “a falsa oposição entre a vida prática e a vida contemplativa”. Tal como a força de seus hábitos, o esforço de renovação constante também define o homem e anima suas práticas e suas reflexões sobre elas.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo caracterizar, por meio das noções de continuidade e descontinuidade, a movimentação teórica nos estudos da língua que resulta da consideração do discurso e de sua enunciação.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; enunciação; continuidade; descontinuidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CULLER, Jonathan. *As idéias de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- ECO, Umberto. *Kant e o ornitorrinco*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- FIORIN, José Luiz. Lingüística: perspectivas e aplicações. *Estudos lingüísticos*, São Paulo, p. 18-25, 1994.
- FONTANILLE, Jacques. Les figures de l'instabilité. In: *Sémiotique. Projet d'association au CNRS*. p. 7-13, 1992. (mimeogr.).
- \_\_\_\_\_. e ZILBERBERG, Claude. *Principes de grammaire tensive*. s. d. (mimeogr.).
- LOPES, Edward. *A identidade e a diferença*. São Paulo: Edusp, 1997.
- LÓTMAN, Iúri et alii. *Ensaio de semiótica soviética*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- TARNAS, Richard. *A epopéia do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- TATIT, Luiz. *Semiótica da canção*. São Paulo: Editora Escuta, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Musicando a semiótica: ensaios*. São Paulo: Annablume, 1997.
- ZILBERBERG, Claude. Relativité du rythme. *PROTÉE - Théories et pratiques sémiotiques*. Département des Arts et Lettres de l'Université du Québec à Chicoutim., 18:1, 1990.